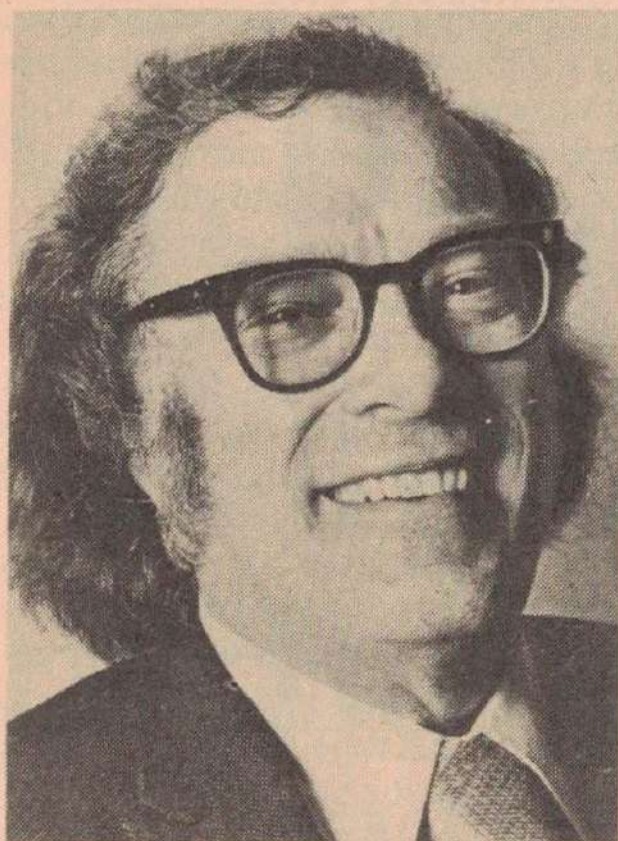


Asimov, a máquina de escrever humana

JAMES LINCOLN COLLIER



Isaac Asimov, prolífico autor de 188 livros (até agora), tem o dom extraordinário de explicar coisas complexas em termos que nós, os leigos, podemos compreender e apreciar

MUITAS pessoas acham aborrecido escrever uma simples nota de agradecimento de quatro linhas. Mesmo os escritores profissionais por vezes suam diante da máquina de escrever ao terem de enfrentar aquela folha em branco. Que é que poderemos dizer, então, sobre um homem que gosta mais de escrever do que de qualquer outra coisa no mundo? Um homem que, habitualmente, começa a escrever às oito da manhã e continua até as dez da noite, datilografando continuamente a um ritmo de 90 palavras por minuto?

Isaac Asimov é essa máquina de escrever humana. «Pensar é a atividade de que eu mais gosto», confessa ele, «e escrever é simplesmente pensar com os dedos.» Em sua carreira literária de 40 anos (nos primeiros 20, dedicou-se a ela apenas parcialmente), já escreveu 188 livros e mil artigos para revistas e jornais, particularmente nos campos da ciência, da matemática e da ficção científica. Atualmente, está escrevendo cerca de 12 livros e 40

artigos de revistas por ano, além de discursos, introduções e prefácios. (Para uma amostra do seu trabalho, veja o artigo da página 75) Asimov também responde pessoalmente a toda a correspondência de seus admiradores – cerca de 70 cartas por semana.

Utiliza uma máquina de escrever elétrica, mantendo em reserva duas outras. Quase sempre trabalha, no seu escritório de Nova York, sobre um número indeterminado de originais ainda inacabados: um artigo de revista sobre a mais recente descoberta a respeito das partículas subatômicas, um livro sobre os «buracos negros» do espaço sideral, um romance de ficção científica. Se, em dado momento, fica temporariamente sem inspiração, passa para outro original com a mesma facilidade com que outros homens mudam de camisa.

Seu trabalho, porém, não é apenas em quantidade. Theodore Sturgeon, escritor de ficção científica, disse na *Times Book Review*, de Nova York: «Asimov conseguiu um *status* único, pois ele não é apenas admirado por uns e adorado por outros por sua obra de ficção científica – ele é igualmente respeitado mesmo por especialistas de cerca de 20 campos científicos diferentes.»

Isto pode fazer que Asimov pareça um robô de feições duras e um dicionário em lugar de cérebro, mas, na verdade, ele é uma pessoa extrovertida, que adora ficar contando histórias durante horas. Dá mais de 30 palestras por ano. «Ele é

um ator nato», diz um amigo, e mais de uma vez já perguntou a organizadores desse tipo de conferências sobre que assunto deve falar, no momento em que se encaminha para a tribuna.

Praticamente desde que nasceu, em 1920, na cidadezinha russa de Petrovitch, a 300km a oeste de Moscou, Asimov demonstrou tendência para a cultura. Aos três anos, seu pai transferiu-se com a família para o Brooklyn, onde achava que seriam melhores as perspectivas para seus filhos, e abriu a primeira de uma série de confeitarias. A vida de Isaac transcorria entre a loja do pai e a biblioteca pública.

Aos cinco anos, aprendeu sozinho a ler, e, quando entrou para a escola primária, era o único aluno de sua turma que já sabia ler. A partir daí, devorou todos os livros que encontrou e começou a pular de ano; ao ingressar no ensino secundário, estava dois anos e meio à frente de seus colegas. «Tive um ou outro problema com os outros garotos – e era eu provavelmente o culpado», diz hoje Asimov. «Assim que o professor fazia uma pergunta, eu estava levantando o braço para responder. Costumava vangloriar-me de ter a nota mais alta nos testes, e andava sempre corrigindo os erros dos outros, mesmo que se tratasse de adultos. Não tinha o bom senso de não ser presunçoso.

«Aos seis anos, obtive o meu primeiro cartão de frequência da biblioteca, mas nós só podíamos levar para casa dois livros de cada vez.

Eu costumava então apanhar os maiores que encontrasse, para que durassem mais tempo; e quando, no início de cada ano escolar, recebíamos os livros novos para esse ano, eu os lia todos na primeira semana. Era capaz de lembrar-me de tudo que lia, e ainda hoje não preciso fazer pesquisa para grande parte das coisas que escrevo em meus livros. O assunto está na minha cabeça, e a única coisa que tenho a fazer é verificar os fatos, depois que acabei de escrever.»

Mais ou menos com nove anos, Asimov descobriu a ficção científica numa revista chamada *Science Wonder Stories* (*Histórias Maravilhosas da Ciência*). Assim principiou a sua paixão por este gênero de literatura, que iria continuar pela vida fora. Aos 11 anos, começou a escrever uma série de histórias longas, e aos 15 ingressou na Universidade de Columbia, para um curso pré-médico. Aos 17, ocorreu-lhe que poderia tentar escrever para alguma publicação. Fez uma tentativa que deixou inacabada. A coisa podia ter ficado por aí, mas, um ano depois, foi aos escritórios da *Astounding Science Fiction*, a mais importante revista desse gênero, para saber por que é que o número de junho estava atrasado.

Como resultado dessa visita, voltou a pegar na história que não tinha terminado. Assim que a completou, levou-a, por sugestão de seu pai, ao editor da *Astounding*. John Wood Campbell Jr., que se havia tornado um dos primeiros editores de ficção

científica, mostrou-se cordial e interessado. Mais tarde, confessou a Asimov: «Eu vi algo em sua pessoa. Enquanto você se esforçasse por melhorar, eu procuraria colaborar com você.» Quatro meses e seis artigos depois, Asimov conseguiu vender um para publicação.

Aos 19 anos, formou-se na Universidade de Columbia, mas foi rejeitado pelas faculdades de medicina, provavelmente devido à imaturidade. «Fiquei muito perturbado por não ter conseguido», diz Asimov, «mas estava aliviado também. Realmente nunca desejei ser médico.»

Fez, a seguir, estudos de graduação em química, casou, trabalhou em assuntos relacionados com a guerra num laboratório na Filadélfia e, em 1949, tornou-se instrutor de bioquímica na Universidade de Boston. Continuou a escrever, passando cada vez mais noites e fins de semana no sótão, seus dedos voando sobre as teclas da máquina de escrever.

Em 1950, tinha escrito *Nightfall* (*Anoitecer*) e o primeiro número da série «*Robot*» (provavelmente seus contos mais conhecidos), e havia completado a trilogia *Foundation* (*Fundação*), publicada pouco depois, e na qual se baseia fundamentalmente sua fama no mundo da ficção científica.

Asimov também passou a dedicar-se a temas de não-ficção; como escritor e cientista, fazia uma combinação ideal. Não tardou muito que ficasse demonstrado que ele ti-

nha o dom de explicar os assuntos complexos de uma maneira que um leigo podia compreender. Em meados da década de 1950, sua atividade como escritor estava começando a torná-lo rico e famoso.

Quando, em 1958, aventou com a mulher, Gertrude, a idéia de abandonar o ensino para se dedicar exclusivamente à literatura, ela suspirou: «Mas vamos viver de quê?»

«Dos livros», respondeu ele.

«Não conte com os livros», protestou ela. «Isso não vai durar.»

Mas, nesse ano, ele deixou mesmo de lecionar e «voltou ao sótão».

A produção de livros e artigos começou a ser volumosa. Além de sua série de obras sobre ciência e ficção científica, ele tem comentado peças de Shakespeare, o *Paraíso Perdido*, de Milton, *Don Juan*, de Byron, e a Bíblia. Publicou livros de história, contos policiais, literatura infantil, livros de anedotas e três coleções de poemas levemente eróticos: *Lecherous Limericks* (*Quintilhas Lúbricas*), que escreveu em viagens de trem, enquanto ia fazer ou voltava de suas palestras, simplesmente porque é incapaz de ficar sem escrever. Também lançou uma nova revista chamada *Isaac Asimov's Science Fiction Magazine* (*Revista de Ficção Científica de Isaac Asimov*). Que é que o leva a fazer tudo isto?

A verdade é que Isaac Asimov, um ergomaníaco, é também um indivíduo crônica e permanentemente preocupado. Seu medo de andar de avião obriga-o a viajar de trem para fazer palestras em cidades

distantes. Se sua atual mulher, Janet, com quem casou em 1973, depois da ruptura de seu primeiro matrimônio, chega cinco minutos atrasada, ele fica imaginando que ela foi assaltada ou atropelada.

Stanley, irmão de Isaac, editor-assistente de *Newsday*, revela: «Isaac se preocupa por não ter sucesso, por ser pobre... mas preocupa-se também por ser rico. Ele acha que, se a gente for feliz, algo de horrível acontecerá.»

Em 1972, ele descobriu que tinha um tumor canceroso na tireóide e que precisava ser operado. Que é que preocupou Asimov? Ele pensou: «Tenho apenas 52 anos; se eu morrer agora, será uma tolice, porque não trabalhei o suficiente.» Como que para remediar essa circunstância, enquanto estava no hospital aguardando a operação, escreveu um curto conto policial. Não era a possibilidade da morte que o atormentava, mas o receio de não estar à altura. Por detrás do famoso escritor, existe um garotinho temendo receber um boletim do colégio com notas baixas.

Na realidade, Asimov hoje se preocupa menos. Seu segundo casamento é feliz, e sua posição no mundo literário, sólida. Carl Sagan, um dos mais renomados astrônomos norte-americanos, afirma: «Neste século de tecnologia, precisamos de um intermediário entre a ciência e o público, e ninguém pode fazer esse trabalho melhor do que Asimov. Ele é o grande explicador da época.» ▲